

Outros Brasis: o mundo que não me contaram em Eu sou Macuxi e outras histórias de Julie Dorrico

Maria Luana Caminha Valois¹

É dado histórico que o território hoje designado Brasil já estava habitado antes da invasão europeia, e que os povos originários já possuíam seus ritos, danças, estéticas, costumes e organização política. Esta afirmação foi, por muitos anos, negligenciada, e é desse abandono que surge nossa curiosidade. Pensando em termos literários, e entendendo que a sociedade dominante *escuta pela letra*, os nativos se esforçam para publicar suas histórias em contraponto aos estereótipos canônicos (selvagens, preguiçosos, infantis).

Dessa maneira, é importante frisar a diferença entre a literatura de autoria indígena e uma literatura sobre o indígena - que materializa o olhar do colonizador. Afirmamos, desse modo, que tanto na Carta de Caminha, quanto nos Sermões dos padres, é possível perceber a imposição da cultura, religião e ideologias europeias

O panorama apresentado anteriormente a respeito das representações indígenas segue, ao longo dos anos, com avanços diminutos - no sentido de desconstrução da imagem pejorativa. Porém, o reconhecimento adquirido através da Constituição de 1988 deu garantias aos autores indígenas de terem salvaguardados suas organizações sociais e seus costumes, tendo a cidadania brasileira e a identidade indígena em paralelo. A vista disso, nos dedicaremos à obra *Eu sou macuxi e outras histórias* de Julie Dorrico. Com a finalidade de entender, desde a perspectiva do nativo, aspectos da sua cultura.

A referida escritora, pesquisadora e curadora de literatura indígena, descendente do povo Macuxi nasceu nas terras da cachoeira pequena, conhecidas como Guajará-Mirim, em Rondônia. É doutora em Teoria da Literatura pela PUCRS. Alfabetizada cedo, Julie Dorrico teve a oportunidade de ouvir dois mestres da literatura indígena contemporânea: Daniel Munduruku e Kaka Werá. As palavras dos dois a atravessaram de forma que, aos 26 anos de existência, seu limbo identitário ganhou sentido, sua bisavó era Macuxi, logo, Dorrico descobre-se Macuxi.

Assim, tendo em vista o *ethos* da escritora, nosso esforço incide em conhecer o povo Macuxi, seus ritos e costumes assinalados ao longo da obra prefaciada por Daniel Munduruku. Também, buscamos refletir, à luz de teóricos como ESCALANTE (2015), WALSH (2009), MIGNOLO (2008), GLISSANT (1981), QUIJANO (1992), BAKHTIN (2003), GLISSANT (1996), GRAÚNA (2004), MARIÁTEGUI (1975) e MUNDURUKU

¹ Doutoranda no Programa de Pós Graduação em Letras UFPE.

(2009), como este povo se percebe no conceito de nação brasileira. Isto posto, defendemos que o entendimento da literatura indígena nos possibilita reconhecer que a estrutura do pensamento ameríndio é diferente do ocidental. Ou seja, é preciso discernir que os povos indígenas se orientam a partir do princípio de homem integrado à natureza, e o sujeito do ocidente segue a lógica binária e dual de homem versus a natureza.

Portanto, afirmamos que a emergência de obras de autoria indígena não depende de um só processo, senão que envolve uma série de lutas: desde a escritura das obras, sua produção, consumo e difusão. Trata-se, pois, de escaparmos daquelas perspectivas e interpretações que historicamente nos encarceraram em categorias homogêneas, para reconhecer outras cosmovisões. Este ato político, nos apresenta outras formas de construir relações humanas, nos lembra que somos passageiros. Por isso, confiamos que esta pesquisa corrobora na direção do amplo entendimento da produção literária indígena contemporânea, bem como, coopera com a disseminação de vozes marginalizadas. Para mais, favorece para diminuir o abismo entre o estado brasileiro e os povos indígenas.

Se a literatura brasileira canônica ocidental tem por tradição um cânone que inaugura-se nas Cartas do período colonial, passando pelo Barroco, Romantismo, Realismo, Modernismo, Concretismo até as expressões mais contemporâneas, deve-se levar em conta que a tradição da literatura indígena que pretendemos percorrer reside na ancestralidade que vive na oralidade. Por isso, ao ler Julie Dorrico, percebemos que ela materializa em sua existência na obra ***Eu sou Macuxi e outras histórias*** uma ponte entre o resgate dos saberes ancestrais de seu povo e as imposições da cultura dominante. Pois, para ela, um conhecimento não nega o outro, eles, na verdade, podem ser complementares e nos tornar, enquanto sociedade, mais respeitosos para com as diferenças. Partindo desse pressuposto, defendemos que a literatura sempre existiu, sendo anterior à escrita e ao impresso. A edição e a publicação significam, dessa forma, uma ferramenta para expressar-se, dialogar sobre pertencimento étnico e sobrevivência.

Nesse sentido, dar conta dos novos fenômenos contemporâneos de identificação e política cultural são, portanto, um espaço de engajamento entendido por nós como um lugar híbrido que produz significados culturais. Este espaço liminar, observável na linguagem de Dorrico e na arte contemporânea, passa a ser o foco da nossa análise. São nesses interstícios, dessa forma, que é possível observar as transformações contemporâneas nos modos de representação e de fortalecimento político das populações oprimidas. Com efeito o autor Homi Bhabha (1998) aponta, na introdução de seu livro *O local da cultura*:

[...] A articulação social da diferença, a partir da perspectiva da minoria, é uma complexa e contínua negociação que busca autorizar hibridismos culturais que emergem em momentos de transformação histórica. (...) Os engajamentos fronteiriços da diferença cultural frequentemente podem ser tanto consensuais quanto conflituosos; eles podem confundir nossas definições de tradição e modernidade; realinhar os limites usuais entre o privado e o público, alto e baixo; e desafiam expectativas normativas de desenvolvimento e progresso (BHABHA, 1998, p. 2).

Só quando se compreende que as proposições culturais são construídas no espaço do contraditório de enunciação, no caso de Dorrico, sua obra literária, é que se pode entender porque as mudanças culturais têm um grande impacto nas formas do debate político sobre as identidades nacionais, agora mudado, transforma os significados da herança colonial. Partindo agora da idéia de que é necessário evitar uma posição moralista ou nacionalista que identifica estereótipos e os elabora num discurso de afirmação da origem e da unidade da identidade nacional.

Diante disso, no local das antigas identidades nacionais estão surgindo identidades híbridas. Isto porque os sujeitos não querem perderam os vínculos com os lugares de origem e suas tradições, porém vivem numa terra da qual eles não surgiram, e esses sujeitos se veem obrigados a traduzirem, “negociar com as novas culturas em que vivem”, sem nunca serem unificados a elas (HALL, 2014, p. 52), pois em tempo de crise de paradigmas, não há como manter, uma identidade única, rígida e inflexível.

Assim, no conto *Eu sou Macuxi, filha de Makunaima*, Dorrico constrói uma narração em três partes: Na primeira, menciona como sua avó foi criada pelo deus Macuxi Macunaíma: “primeiro de cera (mas ela derreteu!) e depois de barro: resistindo ao sol e passando a existir para sempre (DORRICO, 2019, p. 17)”; Em seguida, relata a concepção de sua mãe: “um dia bebeu caxiri e resolveu brincar porque só assim podia criar minha mãe e ela criou! (DORRICO, 2019, p. 19)” ; Por fim, na última parte deste relato, Dorrico descreve o momento que sua mãe resolve gerar: "Um dia minha mãe decidiu me criar mulher. E criou, lá na década de 1990, bem certinho (DORRICO, 2019, p. 21)". Partindo desta enumeração, construiremos nossas análises.

Nossa primeira reflexão dentro desta análise é a respeito do termo “índio” designado aos povos originários no processo de colonização. Tal termo não revela a riqueza que as comunidades trazem consigo, como afirma Daniel Munduruku: “É uma palavra que só desqualifica, remonta a preconceitos. É uma palavra genérica. Essa generalização esconde toda a diversidade, riqueza e humanidade dos povos indígenas” (Munduruku, 2019). O professor ainda completa: “A palavra índio está quase sempre ligada a preguiça, selvageria,

atraso tecnológico, a uma visão de que o índio tem muita terra e não sabe o que fazer com ela. Vale ressaltar que dentro dos estudos literários os termos carregam uma força semântica importante e, por isso, é tão significativo disputar tais denominações com o poder hegemônico. Logo, percebemos a importância de estudar escritos como o de Dorrico, que nos possibilitam desnaturalizar termos e, consequentemente, atitudes.

Seguindo nosso raciocínio, percebemos na leitura da obra analisada uma menção que nos gerou curiosidade: Macunaíma. E não estamos nos referindo ao criado por Mário de Andrade (1928), um protagonista indígena sem caráter e preguiçoso. Mas sim ao deus do povo Macuxi Makunaimã. Segundo Jaider Esbell (2018), o próprio deus Macunaíma se permitiu ficar na capa do livro de Mário de Andrade, viajar o mundo, só esperando que algum neto seu o resgatasse:

Meu filho eu me grudei na capa daquele livro. Dizem que fui raptado, que fui lesado, roubado, injustiçado, que fui traído, enganado. Dizem que fui besta. Não! Fui eu mesmo que quis ir na capa daquele livro. Fui eu que quis acompanhar aqueles homens. Fui eu que quis ir fazer a nossa história. Vi ali todas as chances para a nossa eternidade. Vi ali toda a chance possível para que um dia vocês pudessem estar aqui junto com todos. Agora vocês estão juntos com todos eles e somos de fato uma carência de unidade. Vi vocês no futuro. Vi e me lancei. Me lancei dormente, do transe da força da decisão, da cegueira de lucidez, do coração explodido da grande paixão. Estive na margem de todas as margens, cheguei onde nunca antes nenhum de nós esteve. Não estive lá por acaso. Fui posto lá para nos trazer até aqui (ESBELL, 2018, p. 6).

Vislumbrando as palavras de Esbell (2018) constatamos como a centralidade silencia todas as outras presenças. De maneira mais específica, nos referimos a sociedade ocidental, alimentada por cânones, majoritariamente hetero-cis-branco patriarcal, que representam o indígena de maneira estereotipada. Apontamos, ainda que para os Macuxis, Makunaima não é só um guerreiro forte e poderoso, ele é uma energia densa, com fonte própria. Portanto Makunaima está além da nossa compreensão e transforma-se continuamente, como segue afirmando Esbel (2018):

Makunaima como disse dispensa uma forma, um gênero, uma gênese. É um estado de energia que se cria e recria em si mesmo como uma bananeira que não precisa de par. São as cobranças mundanas de nossos humanos sentidos que nos exigem uma referência lógica. Eis que Makunaima experimenta uma forma de materialidade, de sonoridade, de sensibilidade acessível aos seus descendentes, como uma ideia de gênero, por exemplo. Ele vem então em muitos estados transitórios, passa a aparecer além da oralidade, além do mito. Desce de seu estado supremo, flechado por seu orgulho superado; quando enxerga-se além de seu orgulho e depois de todo o seu sofrer essencial. Ele rompe todos os limites, subverte todos os conselhos, deixa beijar a mão do seu avô, o jabuti, e vai ao encontro do pai de todos nós, o universo (ESBELL, 2018, p. 10)

Assim, segundo Esbell (2018), quando Makunaima decide estar na capa do livro de Mário de Andrade, sabia da importância dos ícones na cultura que havia chegado: “Sabia de tudo, sabia de todas as etapas sentidas até seu pleno fazer que é o agora”(ESBELL, 2018, p. 12). Por isso, ler Dorrico (2019) nos permite acesso às narrativas plurais, neste caso, a autora nos proporciona pensar sobre suas experiências e as de sua comunidade nos negamos a fazer coro com o discurso colonial.

Progredindo em nossa reflexão, enfatizamos, assim, que Dorrico é: neta de Macuxi e filha de um peruano com uma guianense: “mas decidiu que a língua da minha mãe seria o inglês, assim” (DORRICO, 2019, p. 19). Dessa forma, apontamos que a autora Macuxi nos conclama a possibilidade dos mundos se afetarem não só em seu corpo, como também na sua obra: “A língua da minha mãe é diferente da língua da minha avó, minha avó fala a língua de makunaima” (DORRICO, 2019, p. 19). E segue acentuando: “decidi, porém, que minha língua não seria o macuxi, como a minha ancestral, nem o inglês dos britânicos, mas o português (DORRICO, 2019, p. 21). Por fim, entendemos a decisão da autora de criar sua história partindo de tudo o que lhe compõe:

Eu não quis não, então resolvi criar a minha própria. Como não posso fugir do verbo que me formou, juntei as duas línguas para contar uma história: o *inglexi* e o *macuxês*. Porque é certo que meu mundo - o mundo - precisa ser criado todos os dias (DORRICO, 2019, p. 21).

Os originários, nossos contemporâneos, nos convidam a considerar reflorestar nosso imaginário, recriar nossas utopias, para, dessa forma, entender que o nosso ser é na metamorfose que transforma nossas palavras e apresenta vozes antes não ouvidas.

É relevante salientar, ainda, outro aspecto que compõe a citação anterior, a oralidade. Tal aspecto, caro aos indígenas, apresenta-se como superfície relativa à transmissão dos saberes dos povos originários aos seus descendentes. Para Renate Eigenbrod e Renée Hulan (2008):

As tradições orais constituem o alicerce das sociedades indígenas, conectando orador e ouvinte em uma experiência comum e unindo o passado e o presente na memória. Para entender a tradição oral como uma forma de conhecimento que molda o trabalho de autores e artistas indígenas, por exemplo, escutam-se as narrativas orais para saber como suas vozes podem ser ouvidas dentro de suas comunidades, bem como nas comunidades nas quais elas são recebidas (RENATE EIGENBROD E RENÉE HULAN, 2008, P. 7)

As marcas da tradição oral estão, dessa maneira, presentes na produção literária indígena, e são fundamentais as comunidades originárias, pois este traço evidencia a sua identidade nativa em seus textos. Por isso, a escrita indígena é a afirmação da oralidade. Como afirma a poeta indígena Potiguar Graça Graúna: “Ao escrever, dou conta da minha ancestralidade; do caminho de volta, do meu lugar no mundo” (GRAÚNA, 2007).

Outro aspecto revelado pela autora é o caráter comunitário do povo Macuxi. Como bem pontua Daniel Munduruku em seu prefácio:

o esquecimento não é uma possibilidade para quem se abre à circularidade e a deixa invadir, ainda que disfarçada de conhecimento acadêmico. É certo que saber é bom. Ele preenche. É certo também que o vazio é melhor. Ele nos dá possibilidades (MUNDURUKU, 2018)

E é isso que Dorrico faz dentro da sua poética. Ainda segundo as palavras de Munduruku, a autora “fez o caminho de esvaziar-se para ser preenchida pela memória e pelo pertencimento” (MUNDURUKU, 2018). E a memória, como fica evidente em suas palavras, é força motriz para que o seu caminho de volta seja possível. É por meio das lembranças embebidas em afetos que Dorrico faz esse mergulho para dentro de sua ancestralidade.

Diante das reflexões apresentadas ao longo deste texto, destacamos que este trabalho é elaborado para nos fazer refletir sobre lugares inusitados e comuns, familiares e estranhos, confortáveis e incômodos. Este rico entrelugar, que se materializa nos contos de Dorrico, enfatiza as contradições, nuances e desafios poeticamente escritos pela autora Macuxi. Combinado, desta forma, um atento exame das formas e materialidades textuais, com a observação aguda das representações socioculturais, principalmente o que se relaciona com questões de territorialidade, pertencimento e identidade.

É preciso esclarecer, informar, mostrar que há uma diversidade cultural linguística, uma diversidade de relações sociais e étnicas. É fundamental levar a temática indígena a centros que disseminam o saber para quebrar a lógica das narrativas hegemônicas apresentadas ao longo de séculos, que quase sempre coloca os povos indígenas no contexto de inferioridade. Desse modo, ratificamos que a literatura de autoria indígena se endossa como ponte para entender o mundo e para propor mundos alternativos, bem como pensar o contemporâneo e entender as transformações que nos trouxeram até aqui. Colocando, assim, em pauta na esfera pública debates sobre o reconhecimento de sua cultura, de seus direitos constitucionais e da preservação de suas memórias. Por fim, defendemos que a Literatura de Julie Dorico, bem como a de seus parentes, nos revela uma cultura duradoura, viva, criadora e

que resiste, pois, como afirma Eliane Potiguara em seu acervo pessoal: “A nossa literatura é uma flecha”. Portanto, afirmamos a emergência de reconhecer outras cosmovisões. Este ato político, nos apresenta outras formas de construir relações humanas. Por isso, confiamos que esta pesquisa corrobora na direção do amplo entendimento da produção literária indígena contemporânea, bem como, coopera com a disseminação de vozes marginalizadas.

REFERÊNCIAS

BAKHTIN, Mikhaïl (2003). Estética da criação verbal. Tradução de Paulo Bezerra. São Paulo: Martins Fontes.

BHABHA, Homi K. o local da cultura. Belo Horizonte: Ed. UFMG, 1998.

EIGENBROD, Renate; HULAN, Renée. A layering of voices: Aboriginal oral traditions. In: _____ (eds.). Aboriginal oral tradition: theory, practice, ethic. Michigan: Fernwood Publishing, 2008. p. 7-12.

ESBELL, Jaider . Makunaima, o meu avô em mim!. Iluminuras, Porto Alegre, v. 19, n. 46, p. 11-39, jan/jul, 2018.

FIGUEIREDO, Eurídice. América Latina: integração e interlocução. Rio de Janeiro: 7Letras; Santiago (Chile): USACH.

GLISSANT, Edouard (1996). Introdução a uma poética da diversidade. Tradução de Enilce Albergaria Rocha. Juiz de Fora: Editora da UFJF.

GRAÚNA, Graça (2004). Identidade indígena: uma leitura das diferenças. In: POTIGUARA, Eliane. Metade cara metade máscara. São Paulo: Global. (Série Visões Indígenas).

HALL, Stuart. A identidade cultural na pós-modernidade. Tradução: Tomaz Tadeu da Silva & Guaciara Lopes Louro. Rio de Janeiro: Lamparina, 2014.

MARIÁTEGUI, José Maria (1975). Sete ensaios de interpretação da realidade peruana. São Paulo: Alfa-Ômega.

MIGNOLO, Walter D. (2008) Desobediência epistêmica: a opção descolonial e o significado de identidade em política. Tradução de ngela Lopes Norte. Caderno de Letras, Niterói, n. 34, p. 287-324, 1º sem.

MONTAIGNE, Michel de (2000). Des cannibales. Paris: Fayard/Mille-et-une-Nuits.

MUNDURUKU, Daniel (2004). Visões de ontem, hoje e amanhã: é hora de ler as palavras. Prefácio. In: POTIGUARA, Eliane. Metade cara, metade máscara. São Paulo: Global.

MUNDURUKU, Daniel, Todas as coisas são pequenas. São Paulo: Arx.2008.

MUNDURUKU, Daniel. Meu vô Apolinário: um mergulho no rio da (minha) memória. São Paulo: Studio Nobel. 2009.

POTIGUARA, Eliane (2004). Metade cara, metade máscara. São Paulo: Global. SANTIAGO, Silvano (2004). O cosmopolitismo do pobre. Crítica literária e crítica cultural. Belo Horizonte: Editora da UFMG.

SANTIAGO, Silvano (2011). Destino: globalização. Atalho: nacionalismo. Recurso: cordialidade.